

ACM tenta recuperar força do carlismo

Com prestígio reduzido em Brasília, ex-senador planeja consolidar domínio na Bahia

CIDA FONTES

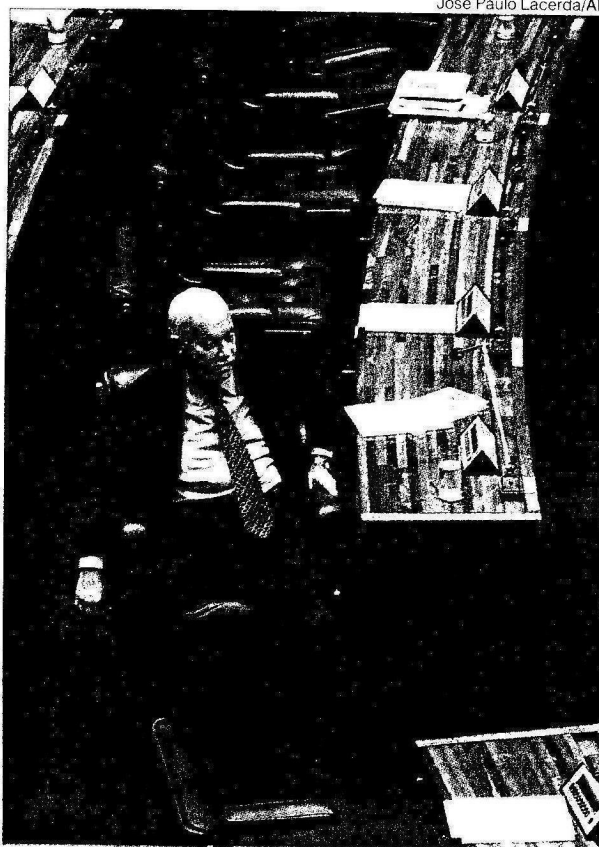
SALVADOR – Com a perda de influência e prestígio no poder federal, o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) vai convergir suas articulações para a Bahia. A primeira providência será reorganizar sua base, que já exhibe alguma dissensão, para se fortalecer rumo às eleições de 2002 e ter ascendência na sucessão presidencial.

Unidos pela cassação de ACM no Congresso, o PMDB e o PSDB mantêm a coesão no Estado e, com o apoio de parte do governo, planejam minar o império carlista. O ministro da Saúde, José Serra, por exemplo, entrou com uma ação ofensiva. Cansado de ver a aplicação de projetos condicionada aos interesses do carlismo, decidiu que a liberação de verbas será feita diretamente aos municípios, sem passar pelo governo estadual.

Se posta em prática, essa estratégia, poderá azedar ainda mais as relações do PFL com o governo Fernando Henrique. “Vamos ficar vigilantes. Se houver boicote, nosso comportamento vai mudar”, garantiu o secretário-geral do PFL, deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA).

Telefonema – O governador da Bahia, César Borges, concluiu que as retaliações já estão em curso. Na quinta-feira, antes do discurso de renúncia de ACM, ele encenou também seu drama: telefonou para o Ministério da Saúde e, pela terceira vez, ouviu que a assinatura de convênios para obras de saneamento em municípios está adiada.

A intenção dos adversários de ACM é desmontar o esquema de distribuição de verbas federais, retirando do ex-senador o título de único benfeitor da Bahia.



Dias antes da renúncia, o cacique mostrava-se abatido e isolado no plenário; chegando à Bahia, na quinta-feira, voltou a falar em retornar ao poder “carregado pelos braços do povo baiano”

tor da Bahia. “Ele não tem nada de poderoso e o presidente precisa prestigiar quem está com o governo”, diz o líder do PMDB, Geddel Vieira Lima (BA).

O eventual sucesso da estratégia preocupa os carlistas. Reservadamente, eles admitem que ela poderá fortalecer o esquema PSDB e PMDB.

Aos aliados, ACM garantiu que vai neutralizar a ofensiva.

Ele pretende “fincar pé” na Bahia, tentar superar eventuais descontentamentos e reorganizar seu grupo. O ex-senador percorrerá o interior e receberá correligionários no escritório de Salvador, ao lon-

go da semana. ACM quer ampliar sua força política – reduzido que envolve 380 dos 417 municípios e, segundo seus aliados, cerca de 70% do eleitorado.

Para mover as peças de seu xadrez, ACM contabiliza dois fatores: o desgaste do governo Fernando Henrique e a disponibilidade de tempo que terá, longe do Senado. “Ele pode reverter o baque e atormentar a vida do PSDB e do PMDB”, alerta um amigo de ACM.

Sucessão – O ex-senador afasta a hipótese de não influir na sucessão de Fernando Henrique e não exibir seu contingente eleitoral. Nas conversas informais, ele mostra-se interessado em negociações com o governador Itamar Franco, de Minas, e com o pré-candidato do PPS, Ciro Gomes. ACM

acredita que dificilmente um candidato com a marca do governo federal teria chances. Ou seja, a mesma posição da cúpula liberal. No entanto, está disposto até a abandonar a direção partidária, caso o PFL adote uma postura “suicida” em relação ao sucessor de Fernando Henrique. “E levo a maioria comigo”, ameaça.

O ex-senador aposta no fortalecimento de Itamar e, se tudo der certo, credencia-se para ser seu representante na Bahia, a exemplo do que fez nas duas eleições de Fernando Henrique. “Itamar não tem ninguém na Bahia”, observa.

Já Geddel entende que o acordo PSDB e PMDB se manterá na sucessão presidencial para apoiar um candidato de consenso. “Esse é o único palanque de Fernando Henrique na Bahia”, disse o líder. Os carlistas não pensam assim. Aham que a campanha não será de Fernando Henrique, mas do candidato.

Futuro – Quanto ao futuro político, ACM ora afirma que deseja o Senado ora admite que pode sair para o governo estadual. Nos bastidores ressalta sua inclinação pelo Senado.

Estrategicamente, isso seria mais importante para os interesses da Bahia junto ao próximo governo. Nesse quadro, ele disputaria uma das duas vagas com candidatos da provável aliança entre PT, PSDB e PMDB. Os partidários dessas legendas ainda querem descobrir a melhor fórmula de derrotá-lo. Sem condições de subir no mesmo palanque para os governos estadual e federal, esses partidos querem lançar um petista e um tucano para o Senado. Um deles seria o deputado Waldir Pires, do PT. Os tucanos querem trazer de volta o ex-governador Roberto Santos.

Caso decida concorrer ao Senado, o nome mais cotado pelos carlistas para suceder César Borges é o do senador Paulo Souto (PFL). Resta saber se ACM escolherá o nome dele, a quem fez sucessivos elogios recentemente. Para desespero de aliados, o ex-senador não dá mostrar do que fará até setembro, quando termina o prazo para quem deseja trocar de partido antes das eleições.